

A Gente Não Quer Só Ouvir, A Gente Quer Ouvir e Participar: Um Olhar Para Duas Rádios Maranhenses e as Possíveis Mudanças no Radiojornalismo¹

Giovana Borges MESQUITA²

Frida Bárbara Leite MEDEIROS³

Kellen Ayana Alves CERETTA⁴

Nataly Alencar TROVÃO⁵

Quezia da Silva ALENCAR⁶

Universidade Federal do Maranhão – CCSST, Imperatriz, MA

RESUMO

O artigo tem por finalidade refletir sobre possíveis mudanças no radiojornalismo na cidade de Imperatriz (MA), a partir da inserção de novos aparatos tecnológicos como, por exemplo, aplicativos de celulares, como o *Whatsapp*, que têm possibilitado uma maior incorporação do ouvinte na rotina produtiva do radiojornalismo. Para a realização do trabalho, foram analisadas duas rádios imperatrizenses: a Mirante FM, por ser a maior em audiência da cidade e a Nativa FM, pioneira na implantação do jornalismo em FM, na cidade maranhense.

PALAVRAS-CHAVE: Radiojornalismo; Notícia; Interatividade; Rotina.

¹Trabalho apresentado no DT 5 – Rádio, TV e Internet, do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016 na UNIFAVIP-Caruaru -PE.

² Doutora em Comunicação pela UFPE. Professora adjunta da Universidade Federal do Maranhão(UFMA). E-mail : giovanamesquita@yahoo.com.br

³ Estudante de graduação 3ª semestre do Curso de Comunicação Social – com habilitação em Jornalismo da UFMA, email: frida_barbara@hotmail.com

⁴ Estudante de graduação 3ª semestre do Curso de Comunicação Social – com habilitação em Jornalismo da UFMA, email: ke.ceretta@gmail.com

⁵ Estudante de graduação 3ª semestre do Curso de Comunicação Social – com habilitação em Jornalismo da UFMA, email: natytrovao@hotmail.com

⁶ Estudante de graduação 3ª semestre do Curso de Comunicação Social – com habilitação Jornalismo da UFMA, email: queziz.alencar@gmail.com

INTRODUÇÃO

Das primeiras transmissões radiofônicas até os dias atuais muitas foram as tentativas e práticas que buscaram aproximar o ouvinte da programação do rádio, seja em reportagens de rua, leitura de cartas, ligações telefônicas ou, mais recentemente, pelo envio de mensagens por correio eletrônico e conversas via Internet. Os recursos tecnológicos ao serem explorados pelas emissoras de rádio aproximam-se da interatividade antevista por Bertolt Brecht (ORTRIWANO, 1998).

É comum fazermos a associação da interatividade com o surgimento da Internet, mas entre as décadas de 1920 e 1930, Bertolt Brecht já chamava a atenção para a capacidade de interatividade do rádio. Em seus escritos, intitulados “Teoria do Rádio”, Brecht afirmava que:

É preciso transformar o rádio, convertê-lo de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação. O rádio será o mais fabuloso meio de comunicação imaginável na vida pública, um fantástico sistema de canalização. Isto é, seria se não somente fosse capaz de emitir, como também de receber; portanto se conseguisse não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele (BRECHT, 2005, p. 42).

Da primeira emissão no Brasil, aos dias atuais, a tecnologia foi mudando o fazer jornalístico radiofônico, seja na apuração, produção e veiculação da notícia, ou na relação do veículo com seus ouvintes. Tendo como uma de suas características, a mobilidade, o jornalismo no rádio tem a possibilidade de assumir uma atitude mais dinâmica e mais presente no campo dos acontecimentos, sobretudo após a incorporação do telefone celular e mais recentemente com a presença nas redes sociais e apropriação de aplicativos, como o *Whatsapp*⁷, o que permite mais agilidade na coleta e na transmissão das informações diretamente do local da notícia, além de incorporar o ouvinte na rotina produtiva.

As mudanças estão se refletindo, tanto na maneira como as notícias têm chegado até os ouvintes, como na forma como os profissionais estão trabalhando as informações vindas de diversas fontes que têm possibilidade de interagir com o rádio de uma maneira mais potencializada.

Dessa forma, o objetivo do artigo é refletir sobre essas mudanças a partir de uma análise de duas emissoras de rádio imperatrizenses: a Mirante FM, por ser a maior em

⁷Aplicativo para smartphones utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, como também vídeos, fotos e áudios através de uma conexão com a internet.

audiência na cidade de Imperatriz (segunda cidade mais importante do Estado do Maranhão) e a Nativa FM, pioneira na cidade em implantar o jornalismo em FM. Para realizar o trabalho, além de pesquisa bibliográfica, realizamos observação direta, a inserção em campo para apuração de dados, tópicos abordados por Eckert e Rocha (2008), e técnicas de entrevista semiaberta que caracterizam a pesquisa como etnográfica.

No artigo refletimos sobre aspectos importantes com relação ao desenvolvimento do rádio ao longo da História e como essas transformações têm influenciado no jornalismo radiofônico local.

PERCURSO METODOLÓGICO

Inicialmente foi feita uma revisão bibliográfica sobre o tema pesquisado, a fim de adicionar conhecimentos já existentes sobre o jornalismo radiofônico que pudessem nortear a pesquisa. A escolha das rádios foi feita baseando-se na audiência e no pioneirismo, sendo a Mirante a escolhida por ter a maior audiência na cidade de Imperatriz e a Nativa por implantar o jornalismo na FM.

No que diz respeito aos métodos utilizados, optamos pela pesquisa de campo etnográfica, que para Eckert e Rocha:

responde a uma demanda científica de produção de dados de conhecimento antropológico a partir de uma inter-relação entre o(a) pesquisador(a) e o(s) sujeito(s) pesquisados que integram no contexto recorrendo primordialmente as técnicas de pesquisa de observação direta, de conversas informais e formais, as entrevistas não-diretivas, etc. (ECKERT; ROCHA, 2008, p. 01).

Como parte do trabalho em campo foram feitas observação direta da rotina jornalística nas rádios e aplicação de entrevistas semiabertas realizadas com o Coordenador de Jornalismo e Artístico da Rádio Nativa, Vagner Rêgo; e com o Gerente de Jornalismo da Rádio Mirante, Francisco Silva de Sousa, profissionais responsáveis tanto por decisões editoriais, quanto por funções administrativas. Com as entrevistas, pudemos entender como os profissionais lidam com as informações vindas dos ouvintes pelos aplicativos e pelas redes sociais.

O RÁDIO E AS TECNOLOGIAS

A inauguração oficial da radiodifusão brasileira aconteceu no dia 7 de setembro de 1922, como parte das comemorações do Centenário da Independência. Como bem destaca

Ortriwano (2002-2003, p. 67), “o jornalismo esteve presente no rádio desde as primeiras experiências de exploração da radiodifusão”. Edgar Roquette-Pinto, considerado o pai do rádio no país, apresentava o *Jornal da Manhã*, de segunda a sexta-feira, na PRA-2, Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. O programa era integralmente produzido por Roquette-Pinto, que, com seu famoso lápis vermelho, marcava nos jornais fatos interessantes ou curiosos e os lia no ar (JUNG, 2004). Era o modelo de jornal falado, que depois seria reproduzido no rádio brasileiro. Mas Roquette-Pinto não se restringia à leitura. Ele comentava as notícias, contextualizando-as para seus ouvintes (LOPEZ *apud* ORTRIWANO, 2002-2003), inaugurando o jornalismo de pesquisa no rádio.

A partir dos anos 1930 o rádio tornou-se o principal meio de comunicação do País. Neste período a produção mais importante era de radionovelas, programas de humor e de auditório, com a inserção gradual do jornalismo.

Nos anos 1940, além do rádio figurar como “parte integrante da família brasileira”, o radiojornalismo passa a ganhar espaço e importância com o advento da Segunda Guerra Mundial (ORTRIWANO, 2002-2003). Segundo Ortriwano (2002-2003), o aperfeiçoamento dos equipamentos e o desenvolvimento de sistemas de transmissão de maior alcance são consequências que ressaltam o aspecto jornalístico do rádio. A autora resalta que nesse contexto surgem no Brasil os primeiros programas que, “em sua evolução, serão os pilares de sustentação que darão origem ao radiojornalismo praticado até nossos dias: o *Repórter Esso* e o *Grande Jornal Falado Tupi*” (ORTRIWANO, 2002-2003, p. 72).

O “*Repórter Esso*” trouxe ao Brasil uma nova forma de fazer jornalismo no rádio, com textos adequados ao suporte. A fórmula desse noticiário reunia: textos objetivos, informações atualizadas e pela primeira vez um programa radiofônico com duração e horários fixos (KLÖCKNER, 2005). A experiência da síntese noticiosa estimulou e capacitou o principal apresentador do programa, Heron Domingues, a criar, no final da década de 1940, a primeira redação radiojornalística brasileira, a “*Seção de Jornais Falados e Reportagens da Rádio Nacional*” (MOREIRA, 1991), com hierarquia, funções e rotinas de uma redação jornalística.

Já o “*Grande Jornal Falado Tupi*”, primeiro “jornal de integração nacional”, foi ao ar no dia 3 de abril de 1942, na Rádio Tupi de São Paulo, sendo ouvido em todo o interior do país. O jornal trazia informação de interesse popular (localização de pessoas e recados urgentes para locais de difícil acesso), informações, reportagens e comentários - toda uma programação voltada para os mais longínquos municípios brasileiros.

Os dois jornais, "Repórter Esso" e o "Grande Jornal Falado Tupi", segundo Ortriwano (2002-2003) começavam a definir o embrião do radiojornalismo nacional, sendo os pioneiros a mostrar uma preocupação quanto a uma linguagem específica para o rádio, procurando elaborar a notícia de forma a atender as características do meio radiofônico e não do jornalismo impresso.

Em 1947, três anos antes do advento da televisão no Brasil, uma inovação tecnológica – o transistor - revolucionou o rádio. Componente de um circuito elétrico, tendo como uma de suas principais funções aumentar os sinais elétricos, o transistor foi "apresentado ao mundo" no dia 23 de dezembro de 1947, permitindo a mudança da fonte de alimentação de aparelhos de rádio e a portabilidade, tanto para o ouvinte, que agora tinha no veículo um companheiro que o acompanhava em seu dia a dia, quanto para o comunicador, com a possibilidade de se deslocar com equipes móveis e implementar o sistema de reportagens (LOPEZ *apud* NEUREMBERG, 2009).

A inovação foi um marco para o rádio, uma vez que mudava a maneira de interação entre o rádio e o ouvinte. Esse último, tinha agora em suas mãos o "rádio móvel", e poderia utilizá-lo em qualquer lugar, sem a necessidade de conectar-se a uma rede elétrica, simplesmente alimentando-o através de baterias.

O ADVENTO DA TELEVISÃO E AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELO RÁDIO

Na década de 1950 surge no Brasil a televisão, e muitos entendiam que junto com o novo invento, começava o declínio do rádio. As radionovelas, antes imaginadas pelos ouvintes, agora poderiam ser vistas. Com o novo meio, que exibia imagens e som, o rádio precisava de uma reestruturação. Perdeu a audiência do horário noturno para a televisão e passou a descobrir no período matutino o seu horário nobre. Ainda foi transformado em um "vitrolão" que apenas reproduzia a música gravada em discos, deixando de produzir programas adequados às suas características como meio de comunicação (ORTRIWANO, 2002-2003).

E aí outra inovação muda a rotina produtiva do rádio. Trata-se do gravador, que embora tenha surgido no final da década de 1940, passou a ter um uso habitual na década de 1950, garantindo maior agilidade, mais versatilidade, melhorando a qualidade das gravações externas e barateando os custos, pois programas – ou trechos – poderiam ser repetidos. Ortriwano (2002-2003) ressalta, no entanto, que apesar dos aspectos positivos, o gravador permitiu também maior controle sobre o conteúdo das mensagens, uma vez que

passou a ser viável fragmentar as entrevistas, depoimentos, e remontar os trechos selecionados, procedimento que se tornou rotineiro.

Meio essencialmente interativo, o rádio ao longo de sua história buscou manter sempre um diálogo com o ouvinte. Felice (1981, p. 77) registra na década de 1960, a transmissão do Programa “Pergunte ao João”, transmitido pela Rádio Jornal do Brasil, e estruturado com perguntas enviadas pelos ouvintes. “Se a pergunta fosse respondível, ou seja, caso a resposta não tivesse implicações com as normas estabelecidas pelo Ministério da Justiça, ela seria dada” (IDEM, 1981, p. 77). Iniciativa semelhante foi apresentada pela Rádio Panamericana, de São Paulo, através do Programa “Show da Manhã”, em que foi montada uma rede de trocas de informações com o ouvinte, na qual eram compartilhadas “desde receitas culinárias a fontes de pesquisa para trabalhos escolares” (ORTRIWANO, 1985, p. 24).

A partir da década de 1970, como destaca Lopez (2010), o ouvinte passa a interagir com o rádio de forma síncrona com muito mais frequência. Segundo a autora, “essa potencialização da presença do ouvinte se deu devido à popularização do telefone” (IDEM, p. 40). Num primeiro momento, a interatividade se dava através do telefone fixo e, anos mais tarde, através do uso do telefone celular e seus novos recursos.

Na década de 1980, também amparado pela eletrônica, o rádio segue um novo caminho: a especialização das emissoras e a segmentação dos públicos. Seguindo os modelos norte-americanos, a segmentação intensifica-se com a chegada ao Brasil da tecnologia responsável pelas emissões em Frequência Modulada (FM). A partir de então, as emissoras FM, principalmente pela qualidade sonora, voltam suas programações para a transmissão de música, enquanto as rádios AM concentram-se no jornalismo, nas coberturas esportivas e na prestação de serviços à população (FERRARETTO, 2001). Com um custo de transmissão inferior, permitindo aumento considerável do número de emissoras em operação, a FM possibilita ao rádio desenvolver um dos elementos essenciais em sua busca pela sobrevivência diante da televisão: o aspecto local (ORTRIWANO, 2002-2003), demonstrando a importância da audiência para sua evolução.

O RÁDIO AINDA MAIS MÓVEL COM O CELULAR

Sendo menos complexo do que a televisão, do ponto de vista da transmissão técnica, o rádio pode estar presente com mais facilidade no local dos acontecimentos e transmitir as informações mais rapidamente do que qualquer outro meio. Com as unidades moveis de

transmissão e o celular acessado a internet as emissoras potencializaram essa mobilidade possibilitando a transmissão de qualquer lugar.

A popularização do telefone móvel e a consequente melhoria na qualidade e alcance do sinal possibilitaram que os repórteres fossem localizados a qualquer momento e mobilizados para uma cobertura factual, tornando as fronteiras de transmissão mais tênues do que as anteriores, com as unidades móveis, de acordo com Lopez (2009). Os telefones celulares passaram a ser uma ferramenta de trabalho fundamental para o radiojornalista, com qualidade de áudio superior aos telefones fixos e com a vantagem de possibilitarem a mobilidade.

Com a convergência dos meios, o celular possibilitou também a produção, não só de áudios, mas também de vídeos, fotos e a conexão com a internet para envio imediato de textos e arquivos, entre outras funcionalidades.

Mas um dos aspectos mais fortes do uso do celular não vem do campo da emissão e sim, da recepção. Com o acesso a telefonia móvel e a internet, os ouvintes tiveram maiores possibilidades de interatividade com as emissoras de rádio, quer através das redes sociais ou de aplicativos de mensagens, a exemplo do *Whatsapp*, tudo em tempo real.

Do ponto de vista do consumo, o celular, transformado no “radinho de pilha atual”, além de mobilidade, possibilitou aos ouvintes uma maior autonomia na apropriação dos conteúdos. Dessa forma, o ouvinte passou a consumir os conteúdos habituais produzidos pelo rádio, além de outros formatos como o *podcasts* ou *newsletters*, quando tivesse interesse. O aparelho celular, inicialmente presente somente na apuração no radiojornalismo (ZUCHI, 2004), hoje expande suas potencialidades.

O RÁDIO CHEGA À INTERNET

Com a internet, um novo debate passou a tomar conta dos profissionais da radiofonia e do meio acadêmico. A internet significaria a morte do rádio? As mídias como rádio, TV e jornal teriam existência apenas no computador em um futuro próximo? (PRATA, 2008). Longe de um consenso, uma palavra tomou conta do debate: convergência.

No caso do rádio, falar de convergência significa falar de pluralidade, que inclui ouvintes dispersos geograficamente, não mais passivos, e modelos onde a rede é a palavra-chave (CEBRIÁN- HERREROS, 2001). “O rádio nesse ambiente expandiu o *dial* e seu alcance passou a ser mundial” (DEL BIANCO, 2012, p. 16).

Cebrián Herreros (2001) ressalta que no modelo convergente de rádio integram-se os serviços sonoros, visuais e escritos. É o modelo de rádio integrado à internet ou multimídia.

A ascensão da internet como plataforma de comunicação contribuiu também para o surgimento de um novo ouvinte de rádio: o ouvinte-internauta, como indica Lopez (2010, p.115):

O rádio não fala mais para um ouvinte passivo, mas para alguém que deseja participar, contribuir – mais do que fazia até então. O ouvinte – agora também internauta – busca outras fontes de informação, cruza, contesta, discute, corrige, atualiza, conversa com o jornalista que está no ar. Mais do que nunca, o ouvinte participa.

Lopez (2010) defende que o aumento das ferramentas de participação permite que ouvinte e comunicador dialoguem mais constantemente, o que resulta numa troca de informações de forma mais direta, bem como num “aprimoramento da produção jornalística” (IDEM, 2010, p. 129).

Segundo a autora, a utilização destas novas ferramentas de comunicação via internet age como uma “[...] potencialização da interação do rádio, abrindo novos canais para a participação” (IBIDEM, p. 52).

Ao explorar as ferramentas digitais disponíveis na internet, o rádio abre novas possibilidades de relação com o ouvinte e, este, apropriando-se destes espaços de interação, assume uma postura muito mais ativa, crítica e participativa (IBIDEM, 2010).

NAS ONDAS DA HISTÓRIA DO RÁDIO EM IMPERATRIZ

Imperatriz é a segunda maior cidade do Maranhão com mais de 253 mil habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2015), e reúne a maior quantidade de rádios da região Tocantina⁸ com programações voltadas ao público das zonas urbanas, como também rurais. Assim, o rádio é um dos meios de comunicação mais difundidos na cidade, pois suas ondas sonoras chegam à lugares onde não se tem acesso à televisão e, muito menos, à internet.

A primeira emissora legalizada da cidade, a Rádio Imperatriz Sociedade Limitada, surgiu em 1978, em plena ditadura militar. Através de um edital lançado pelo Ministério das

⁸Região que abrange os municípios localizados à margem do Rio Tocantins, reunindo os estados do Pará, Maranhão e Tocantins.

Comunicações para a implantação de uma nova rádio em Imperatriz, o advogado e radialista Moacyr Spósito Ribeiro, que morava em Fernandópolis, no estado de São Paulo, conseguiu a concessão da rádio com o apoio político de Edison Lobão e do, na época senador, Henrique de La Rocque. Apesar do atual cenário brasileiro, Imperatriz passava por um favorável período econômico. E isso chamou a atenção de Moacyr Spósito Ribeiro.

Assim, no dia 28 de outubro de 1978, entrava no ar a Rádio Imperatriz. Um momento marcante para os imperatrizenses, aguardado com ansiedade e curiosidade. A primeira transmissão foi gravada em partes: uma no estúdio da Rádio Imperatriz e outra na Rádio Difusora de Fernandópolis. Tanto os imperatrizenses, como os fernandopolenses ouviram ao mesmo tempo o primeiro programa da emissora. Um momento carregado de emoção (BRITO, 2013).

Um dos pontos que deram destaque a emissora foi a atuação jornalística. Entre os programas jornalísticos estavam o Café da Manhã, Jornal dos Municípios, Sentinela Policial, Jornal 890, entre outros. Para os amantes do esporte, a rádio apresentava um programa esportivo, depois do jornal do meio dia e à noite, com informações sobre os campeonatos, jogos, times, incentivo à participação dos times locais em eventos esportivos, entre outros assuntos. (IDEM, 2013).

A história da rádio foi marcada por momentos alegres e trágicos. Dentre os primeiros, a promoção do show do rei Roberto Carlos. As tragédias foram um incêndio ocorrido em 28 de fevereiro de 1983 e a morte do proprietário, que encerrou um ciclo de 27 anos de informação e entretenimento para os ouvintes da Rádio Imperatriz.

DUAS RÁDIOS MARANHENSES E UM NOVO PERFIL DE OUVINTE

Fundada em 16 de dezembro de 1986, a Rádio Mirante faz parte do Sistema Mirante de Comunicação. Atualmente, o sócio majoritário é Paulo Guimarães, que comprou ações de Fernando Sarney, o fundador da rádio em Imperatriz. A emissora funciona na frequência 95,1. Já a rádio *Nativa* FM (99,5) foi fundada pelo empresário e político, Raimundo Cabeludo, no mês de novembro de 1989. Ela foi a pioneira em frequência modulada a transmitir programa jornalístico em Imperatriz.

As rádios locais tiveram que se adaptar a um novo perfil de ouvinte, que não se contenta só em ouvir um programa, mas que também quer interagir. Uma interatividade que vai além de um pedido de música, ou de um recado para um parente. Uma interatividade com a produção radiojornalística. Atentas a essa realidade, as rádios locais estão apostando

neste envolvimento do ouvinte, que passam a “ter voz” nos programas, seja opinando, ou informando.

Os profissionais das rádios entendem esses ouvintes que se envolvem com a produção radiojornalística como fontes, não participando da produção da notícia, uma vez que essas informações têm que ser filtradas e apuradas, porque, em sua maioria, trazem uma única versão dos fatos.

Em artigo publicado em 2011, na Revista Estudos de Comunicação, referimo-nos a esse cidadão não como fonte, mas como mediador público, ou seja, homens e mulheres que de uma forma ou de outra passam a intervir no processo de produção da notícia. São os co-produtores da notícia que, por meio do uso de suas câmeras, celulares ou máquinas fotográficas digitais, vêm dialogando com os jornalistas que trabalham em várias mídias (internet, rádio, jornal ou televisão) e, também, com outros cidadãos como ele (VIZEU & MESQUITA, 2011). Deixando claro, no entanto, que não consideramos que esse ouvinte desempenhe o papel de jornalista.

Segundo o gerente de rádio da Mirante FM, Francisco Sousa (SOUSA, 2016, INFORMAÇÃO VERBAL) as rádios têm aberto mais espaços para que os ouvintes possam participar. E os ouvintes, com acesso aos diversos aparatos tecnológicos e a internet, estão cada vez mais interativos. Ele ressalta:

Nós temos o *Whatsapp* da rádio e tudo que está acontecendo na cidade costuma ser mandado nos grupos. O que fazemos é checar a veracidade da informação para depois divulgar. Nós temos também um portal, que é o Imirante, onde as notícias são quase simultâneas(...) temos uma equipe atuante para recolhimento dessas notícias.

Na entrevista às autoras do artigo, o Coordenador de Jornalismo e Artístico da Rádio Nativa FM, Vagner Rêgo, que há 29 anos trabalha na emissora, ressaltou a importância da rádio modificar-se e “adaptar-se aos novos tempos para não se manter estagnada e perder espaço para as novas tecnologias” (RÊGO, 2016, INFORMAÇÃO VERBAL).

Na pesquisa, observamos que com o encolhimento das equipes profissionais nas duas redações radiojornalísticas, muitas das informações locais vêm dos ouvintes diretamente atingidos por um fato, que utilizando-se de aparatos como *Whatsapp* denunciam ou opinam sobre diversos acontecimentos.

Nas entrevistas, os profissionais das duas rádios afirmam ter “um certo cuidado” com as informações (fotos, vídeos, áudios) que chegam pelas redes sociais, principalmente as que chegam pelo aplicativo *Whatsapp*. Elencando quais são “esses cuidados”, os profissionais ressaltam a checagem das fontes e da informação antes de divulgar, para que não se dê uma notícia incorreta, uma vez que após a veiculação, “a notícia passará a ser uma informação da rádio e não de quem a enviou”(REGO, 2016, INFORMAÇÃO VERBAL).

Mas durante as visitas às rádio foi percebido que nem sempre as informações recebidas são apuradas pela redação jornalística, seja por falta de tempo de ir atrás de fontes oficiais, ou pela urgência pelo “furo”.

No programa “Rádio Alternativo”, de maior audiência da Rádio Nativa FM, que ocupa o horário das sete às 11 da manhã, são divulgados fatos nacionais e locais, obtidos por meio da edição de notícias já publicadas na internet, e também as denúncias que chegam da comunidade através de redes sociais, ou pelo aplicativo *Whatsapp*.

Em uma das visitas à rádio Nativa observamos que um ouvinte tinha enviado uma informação, referente a um bairro da cidade, via áudio pelo aplicativo *Whatsapp*, que foi ao ar sem a devida apuração, contrariando as falas das entrevistas de que havia apuração, antes da divulgação.

O gerente da Rádio Mirante, Francisco Sousa (SOUSA, 2016, INFORMAÇÃO VERBAL), quando perguntado sobre as informações e/ou reclamações que chegam dos ouvintes até a redação da rádio afirma que:

Quando recebemos ligações a respeito de alguma informação nos bairros da cidade passamos para o departamento de jornalismo. As pessoas competentes vão atrás das informações para apurar e quando voltam a notícia vai ao ar, mas só depois que é apurada. Temos o departamento de jornalismo, que é da TV, do portal de notícias e do rádio, e que funciona como um centro de captação de dados. O que recebemos, através de redes sociais e aplicativos, é repassado pra esse departamento. Às vezes, eu estou em casa e recebo uma informação, ligo para o departamento de jornalismo e o repórter vai atrás. Nós não temos essa autonomia de pegar uma notícia nua e crua e jogar no ar sem checar

WHATSAPP: UM CANAL ENTRE O OUVINTE E O JORNALISMO RADIOFÔNICO

Nas visitas feitas aos estúdios das rádios percebemos a constante utilização do aplicativo *Whatsapp* na intenção de promover uma maior interatividade entre o ouvinte e a

emissora. O aparelho celular, contendo o aplicativo, é conectado ao computador através de uma função do próprio aplicativo.

Quando perguntado sobre a incorporação do aplicativo a emissora, o gerente da Rádio Mirante, Francisco Sousa (SOUSA, 2016, INFORMAÇÃO VERBAL) explica:

Ele foi incorporado com o intuito de interagir com o ouvinte, para o ouvinte mandar mensagem, pedir uma música, para sabermos quais bairros estão nos ouvindo, tudo isso. Ele é um termômetro, uma espécie de aferidor da nossa audiência.

O aplicativo tem uma função, na qual qualquer pessoa pode criar um grupo e adicionar até 256 pessoas. Tanto os profissionais da Rádio Nativa, quanto os da Rádio Mirante fazem uso dessa função com intuito de interagir e receber informações regionais. Pessoas de vários cantos da cidade, e também de cidades vizinhas, participam desses grupos e diariamente mandam algum tipo de informação, da área policial à cultura. É o que assegura Francisco Sousa (SOUSA, 2016, INFORMAÇÃO VERBAL):

Diariamente chegam fotos de algum homicídio, de algum acidente (...). As coisas se propagam muito rápido, você está na rua e vê alguma coisa, publica em um grupo, o mesmo já espalha para outros grupos (...).

A interação com o ouvinte nem sempre foi assim. Nas décadas anteriores, essa relação ouvinte-emissora de rádio se dava praticamente por meio de cartas e do telefone fixo. Os profissionais entrevistados lembram que para produzir notícias, o repórter ia às ruas, com o gravador de fita cassete, atrás de informações, visitava delegacias, hospitais... Às vezes acontecia de alguém ir até as redações jornalísticas levando algum caso. O gerente da Mirante (SOUSA, 2016, INFORMAÇÃO VERBAL) lembra:

Notícias, até onde lembro, não chegavam por carta, mas nos anos 80 e 90, nós recebíamos muitas cartas de pessoas procurando pessoas, que foram embora da cidade, querendo saber informações de algum parente, então escreviam cartas e o locutor lia no ar, esperando o contato de algum parente pra dizer que estava vivo, ou que estava morando aqui na cidade. Fazíamos esse intercâmbio, esse encontro. Até o início dos anos 2000 ainda recebíamos cartas de alguns ouvintes do interior, principalmente para a rádio AM. Mas as cartas que chegavam eram mais de ouvintes pedindo música e pedindo notícias de parentes.

O gerente da Rádio Mirante (SOUSA, 2016, INFORMAÇÃO VERBAL) afirma que as tecnologias sempre favorecem as emissoras a estreitar a relação com o ouvinte:

O nosso foco principal é o ouvinte. O objetivo do telefone no estúdio não é tão somente notícia, ele está ali motivado pelo ouvinte. Porque a emissora tem que estreitar essa comunicação, ela tem que estar mais próxima do ouvinte. Então quanto mais meios tivermos pra estar em contato, nós aderimos. O mais próximo que temos agora é o *Whatsapp*. O telefone aos poucos está sendo esquecido, porque o *Whatsapp* é mais imediato, e tem um custo bem mais acessível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo teve como objetivo refletir sobre as mudanças no radiojornalismo, a partir da inserção de novos aparatos tecnológicos como, por exemplo, aplicativos de celulares, como o *Whatsapp*, que têm possibilitado uma maior incorporação do ouvinte na rotina produtiva do radiojornalismo.

Cada avanço tecnológico trouxe sua contribuição para a produção do jornalismo. Contemporaneamente, a tecnologia tem favorecido o radiojornalismo possibilitando a interatividade em tempo real e em larga escala entre inúmeros ouvintes e as emissoras. Se antes a informação dependia da chegada de uma carta à redação, hoje, depende de um “clic” no aparelho celular. O que possibilita para a rádio acesso a informação de diversos lugares e ainda promove o sentimento de maior proximidade, como se o ouvinte estivesse “conversando” a todo tempo com a rádio.

Essa parceria ouvinte-jornalista pode ser um caminho para minimizar a existência de “buracos” na rede noticiosa, ao mesmo tempo em que pode representar a “entrada” na pauta jornalística de assuntos e lugares que anteriormente ficavam de fora do campo jornalístico.

Mas ao mesmo tempo que o celular, conectado a Internet e aplicativos como *Whatsapp*, possibilita mais rapidez à informação; a corrida pelo “furo”, que leva muitas vezes a falta de apuração, pode comprometer a credibilidade da informação e contribuir para a disseminação de informações falsas e boatos. O que levaria a queda da credibilidade, tanto das notícias que chegam aos ouvintes, como também das emissoras. São muitas questões ainda a serem estudadas entre essa relação ouvinte-radiojornalismo, num momento no qual o ouvinte tem cada vez mais interesse e possibilidade de envolver-se com o jornalismo, contribuindo para a construção social da realidade.

REFERÊNCIAS

BRITO, Nayane Cristina Rodrigues de. **A Rádio Pioneira de Imperatriz-MA a Partir da Memória dos Ouvintes**. Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Sonora, integrante do 9º

Encontro Nacional de História da Mídia, 2013. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-sonora/a-radio-pioneira-de-imperatriz-ma-a-partir-da-memoria-dos-ouvintes>> acesso em 01 de março de 2016.

FELICE, Mauro de. **Jornalismo de Rádio**. Brasília: Thesaurus Editora, 1981.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2001.

JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

KLÖCKNER, Luciano. **O noticiário radiofônico como política de guerra e a edição brasileira de O Repórter Esso**. In: GOLIN, Cida; ABREU, João Batista. (Org.). **Batalha Sonora: o rádio e a Segunda Guerra Mundial**. Porto Alegre: Edipucrs, 2006, v. 38, p. 49-72.

LOPEZ, Debora Cristina. **Rádio e redes sociais: novas ferramentas para velhos usos?** Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 30, p. 166-183, jul. 2014.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã, Portugal: LabCom, 2010. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110415-debora_lopez_radiojornalismo.pdf>. acessado em 21 de maio de 2016.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **O Rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. 2a ed. São Paulo: Summus, 1985.

PRATA, Nair. **WEBRADIO: NOVOS GÊNEROS, NOVAS FORMAS DE INTERAÇÃO**. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/AIRR-7DDJD8/nair_prata_tese.pdf?sequence=1> Acesso em 22 de maio de 2016.

REGO, W. Entrevista concedida pelo coordenador de jornalismo e artístico da rádio Nativa FM às autoras dessa tese. Maranhão, 11, março. 2016.

ROCHA, Ana Luísa Carvalho da Rocha e ECKERT, Cornélia. Em “**Etnografia: saberes e práticas**.” Artigo publicado no livro “**Ciências Humanas: pesquisa e método**.” Porto Alegre. Editora da universidade, 2008.

SOUSA, F. Entrevista concedida pelo gerente da rádio Mirante FM às autoras dessa tese. Maranhão, 27, maio. 2016.

VIZEU, A; MESQUITA, G. **O Cidadão como mediador público: um novo agente no jornalismo**. Revista Estudos em Comunicação. Portugal, Maio de 2011. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/09/pdf/EC09-2011Mai-17.pdf>>.

ZUCHI, Ivan Luiz. **O Telefone Celular e o Radiojornalismo ao Vivo nas Emissoras AM de Cascavel**. Monografia. Faculdade de Ciências Sociais de Cascavel. Cascavel, 2004.